



Rev Bras Futebol 2016; v. 9, n. 2, p. 51 - 72

ISSN: 1983-7194

## O CAMINHO DE HAVELANGE PARA A FIFA: 1958-1974<sup>1</sup>

### JOÃO HAVELANGE'S PATH TO FIFA: 1958-1974

**Aníbal Renan Martinot Chaim**

*Doutorando do Departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo(DCP-USP), Brasil.*

Endereço de correspondência:

Av. Professor Luciano Gualberto, 315 sala 2047, Cidade Universitária – SãoPaulo - SP - CEP 05508-900.

E-mail institucional: [fflchflp@usp.br](mailto:fflchflp@usp.br)

**Pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) de 2012 a 2014.**

---

<sup>1</sup> Artigo originalmente publicado em inglês na revista ICSSPE Bulletin n° 70, pp. 80-93, acessível pelo link [https://www.icsspe.org/system/files/Bulletin70-May2016\\_0.pdf](https://www.icsspe.org/system/files/Bulletin70-May2016_0.pdf)

## O CAMINHO DE HAVELANGE PARA A FIFA: 1958-1974<sup>2</sup>

### RESUMO

**Introdução:** João Havelange foi por duas décadas e meia o presidente da FIFA, a entidade mais poderosa em nível de futebol mundial. Enquanto esteve no cargo, assumiu a tarefa de tornar o futebol um produto lucrativo, na qual foi extremamente bem-sucedido. O que é pouco conhecido do grande público é o caminho percorrido por este dirigente para chegar à presidência desta entidade, que envolveu políticos brasileiros importantes e o regime militar entre o final dos anos 1960 e o início dos 1970.

**Objetivo:** Elucidar o processo por meio do qual o presidente da CBD, João Havelange, se aproveitou do fomento político ao futebol no Brasil para alçar-se à presidência da FIFA.

**Metodologia:** Por tratar-se de uma pesquisa historiográfica, os métodos utilizados aqui foram consulta a arquivos e documentos de época que atestassem e servissem de fundamento empírico para o capítulo da História Brasileira que este artigo se propõe a contar. Os principais jornais acessados foram a Gazeta Esportiva em suas edições diárias de 1967 a 1974 e o jornal Folha de São Paulo, avaliado pelo mesmo período.

**Resultados:** Por meio de nossa investigação histórica, descobrimos que Havelange tinha pretensões de operar juntamente com o Estado brasileiro de modo a angariar mais fundos para a CBD desde quando foi eleito, em 1957. Contudo, a primeira oportunidade efetiva que teve para estabelecer uma parceria apareceu durante o regime militar brasileiro, quando os governantes brasileiros sentiram uma necessidade urgente de usar o esporte como um meio para alcançar algum nível de apoio popular e legitimidade política. Com a disposição dos militares em investir no futebol brasileiro, o dirigente conseguiu a chance de destacar-se em nível mundial com a conquista do tricampeonato mundial de futebol e fazer – por meio da CBD – as alianças políticas necessárias para eleger-se presidente da FIFA em 1974.

**Conclusões:** A necessidade do militares brasileiros de gerar legitimidade política a qualquer custo gerou a oportunidade de ouro para que João Havelange conseguisse apoio – financeiro, inclusive – estatal para fazer uma campanha intensa em todos os continentes do mundo, usando a Seleção Brasileira e Pelé como cabos eleitorais para conquistar os votos que precisava.

**Palavras-chave:** Havelange, futebol, ditadura, militar, Brasil.

---

<sup>2</sup> Artigo originalmente publicado em inglês na revista ICSSPE Bulletin nº 70, pp. 80-93, acessível pelo link [https://www.icsspe.org/system/files/Bulletin70-May2016\\_0.pdf](https://www.icsspe.org/system/files/Bulletin70-May2016_0.pdf)

*JOÃO HAVELANGE'S PATH TO FIFA: 1958-1974***ABSTRACT**

**Introduction:** Jean Havelange was for two and a half decades the president of FIFA, the worldwide most powerful entity in football management. While in office, he took on the task of making football as profitable as possible product, in which he was extremely successful. Nevertheless, there is a little part of Havelange's way to FIFA that not so many people know, which regards important Brazilian politicians and the Military Rule between the late 1960s and the early 1970s.

**Objective:** This study aims to elucidate the process by which Jean Havelange took advantage of the political support for football in Brazil to pave his way to FIFA.

**Methodology:** Since it is a historiographical research, the methods used here were consulting archives and documents contemporary to that period, aiming so to find empirical foundations to tell this chapter of Brazilian History. The main newspapers assessed were Gazeta Esportiva and Folha de São Paulo, on their daily editions from 1967 to 1974.

**Results:** Through our historical research, we found out that Havelange was wishing to operate together with the Brazilian State in order to raise more funds for the CBD since he was elected in 1957. However, his first effective opportunity to establish a partnership came up during the Brazilian Military Rule, when Brazilian rulers felt an urgent need to use sport as a means to achieve some degree of popular support and political legitimacy. With the military's willingness to invest in Brazilian football, he was given the chance to stand out on a global level with the achievement of World Cup in Mexico-1970 and to make - through the CBD - the political alliances necessary to be elected to FIFA in 1974.

**Conclusions:** Brazilian military's need for political legitimacy at any cost generated the golden opportunity for Jean Havelange to obtain - financial, including - State support to make an intense campaign in all the continents of the world, using the Brazilian Selection and Pelé as canvassers in order to earn the votes he needed.

**Key-words:** Havelange, football, military, dictatorship, Brazil.

## INTRODUÇÃO

Jean-Marie Faustin Goedefroid Havelange, ou simplesmente João Havelange, foi eleito para a presidência da maior entidade esportiva do Brasil, a Confederação Brasileira de Desportos, em 1957. Logo no primeiro ano de sua gestão à frente da CBD, 1958, João Havelange viu a seleção brasileira de futebol conquistar seu primeiro campeonato mundial na Suécia, e quatro anos depois repetir o feito no Chile.

A CBD nunca foi uma entidade com vastos recursos financeiros, e o dirigente demonstrava a intenção de alterar esse quadro desde as vésperas de seu ingresso na presidência da instituição, quando já dizia que o governo brasileiro deveria destinar mais recursos ao esporte<sup>3</sup>.

Desde sua eleição, em 1957, Havelange trabalhou para criar fontes de receitas para sua Confederação. Em 1958, ele conseguiu que fosse aprovada para a cidade do Rio de Janeiro<sup>4</sup> o ‘Concurso Esportivo Municipal’, um jogo lotérico cuja renda iria para a construção ou reforma de estádios e para os esportes da cidade. Entretanto, esta fonte de dinheiro não durou muito, pois logo em 1961 o presidente Jânio Quadros proibiu os jogos lotéricos esportivos no país<sup>5</sup>, pressionado por setores que argumentavam ser aquilo um jogo de azar<sup>6</sup>.

A partir de 1964, quando o governo do país foi assumido pelos militares, o lobby pela loteria esportiva voltou à tona, mas o projeto ficou parado três anos até que a Câmara dos Deputados o votasse<sup>7</sup>, e mesmo assim nada foi feito até dezembro de 1968. Ainda no início de 1969, Havelange estava pedindo à Federação Paulista de Futebol um empréstimo para seguir as atividades da CBD<sup>8</sup>.

Após mais de dez anos no cargo, Havelange demonstrava ter total consciência dos efeitos sociais que poderiam ser engendrados pela prática esportiva – especialmente pelo futebol. Uma clara demonstração disso é dada em Julho de 1968, quando o dirigente levou a seleção brasileira a Moçambique para disputar o jogo de inauguração do Estádio Salazar<sup>9</sup>.

---

<sup>3</sup> Fala de Havelange reportada pelo jornal *Folha da Manhã*. Sábado, 05/10/1957. Assuntos Gerais. Página 9. Grifos nossos.

<sup>4</sup> O então Distrito Federal brasileiro.

<sup>5</sup> Cf. *A Gazeta Esportiva*, 09/03/1970. pg. 17.

<sup>6</sup> *Folha da Manhã*. 13/01/1959. Capa.

<sup>7</sup> *Folha de São Paulo*, 13/09/1964, Esporte e Turfe, página 03

<sup>8</sup> Cf. *A Gazeta Esportiva*, 07/02/1969. pg. 5.

<sup>9</sup> O estádio foi batizado com o nome do ditador português em sua inauguração. Atualmente ele é chamado de Estádio da Machava.

Os detalhes deste jogo são muito importantes para o argumento deste artigo:este jogo aconteceu durante o período em que a Frelimo<sup>10</sup> estava engrossando suas fileiras para lutar contra a metrópole pela independência do país africano. Isso não impediu, porém, que os portugueses inaugurassem em Maputoum estádio batizado com o nome do ditador luso, num jogo em que houve referências cívicas – hino nacional, bandeiras, etc. – somente à metrópole,tanto que foi disputado entre a seleção portuguesa<sup>11</sup> e a seleção brasileira. Esse contexto potencialmente hostil ao evento não impediu que o novo estádio moçambicano fosse lotado pelos torcedores locais, com mais de 50 mil pessoas.<sup>12</sup>

Este capítulo marcou a vida de Havelange como dirigente esportivo. O contexto do jogo de inauguração do estádio Salazar era uma das maiores demonstrações do poder político/social possuído pelo esporte.

## OBJETIVOS

Dada a importância adquirida pelo futebol durante a Ditadura Militar Brasileira e a posição de comando exercida pelo presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), nesse contexto, o objetivo do presente artigo é elucidar o processo por meio do qual o presidente da CBD, João Havelange, se aproveitou do fomento político ao futebol no Brasil para alçar-se à presidência da FIFA.

## MÉTODOS

Por tratar-se de uma pesquisa historiográfica, os métodos utilizados aqui foram consulta a arquivos e documentos de época que atestassem e servissem de fundamento empírico para o capítulo da História brasileira que este artigo se propõe a contar. Os principais jornais acessados foram a Gazeta Esportiva em suas edições diárias de 1967 a 1974 e o jornal Folha de São Paulo, avaliado pelo mesmo período.

## RESULTADOS

Os militares assumiram o governo do Brasil no dia 1º de abril de 1964 após terem dado um golpe em João Goulart. Sua entrada no poder instaurou uma situação que constantemente oscilou entre

<sup>10</sup> Frente de Libertação de Moçambique.

<sup>11</sup> Neste período Moçambique ainda era oficialmente uma colônia portuguesa. Portugal jogou esta partida como mandante.

<sup>12</sup> Cf. *Folha de São Paulo*, 28/06/1968. Ilustrada, página 8.

reivindicações de legalidade e atos exceção<sup>13</sup>. A tomada do poder no primeiro de Abril foi um ato de Exceção. O que se seguiu dele, porém, foi uma tentativa de restabelecer a legalidade.

A nova ordem que começou com o ingresso de Castello Branco na presidência da república foi mantida com certa tranquilidade apenas por um ano, já que em 1965 o presidente causaria a ira de dois de seus mais importantes apoiadores – Carlos Lacerda e Magalhães Pinto – quando, contra as solicitações daqueles, bancou as eleições estaduais para aquele ano e ambos, após perderem os pleitos em seus respectivos estados, tiveram que deixar seus respectivos cargos de governador (na Guanabara<sup>14</sup> e em Minas Gerais, respectivamente).<sup>15</sup>

O que se seguiu disso foi que Lacerda se reuniu com alguns militares descontentes para tentar retirar Castello do poder, e só não conseguiu porque Costa e Silva, então ministro de Guerra, costurou um acordo que garantiu a sequência de Castello no poder<sup>16</sup>. Pressionado, Castello tentou passar legalmente medidas que hipertrofiariam o poder da presidência frente ao Legislativo, o que lhe foi obviamente negado. Sem saída, migrou para o pólo da exceção: editou o AI-2, que passava unilateralmente todas as medidas que haviam sido propostas à Câmara anteriormente, além de tornar indiretas as eleições para presidente da República e acabar com os partidos políticos existentes até então. O único traço de legalidade no AI-2 era sua vigência limitada a 15 de março de 1967, a data em que C. Branco deixaria o poder.

Assim foi, e em 15 de março de 1967 – finda a validade do AI-2 – Costa e Silva assumiu a presidência da República, acenando com promessas de redemocratização e, por isso, apoiado por políticos do governo e com um voto de confiança dos políticos de oposição<sup>17</sup>. Tanto assim que Juscelino Kubitschek, exilado durante a gestão de Castello Branco, voltou ao país após a posse de Costa. O governo voltava à legalidade.

Uma vez que os direitos políticos e a legalidade voltaram a vigorar no país, Lacerda sentiu-se à vontade para criar um movimento de oposição alternativo ao MDB: a Frente Ampla. Este movimento começou ainda no fim da gestão de C. Branco com a idéia lacerdista de agregar elites descontentes com o governo. Como o plano não prosperou dessa forma, o ex-governador guanabarinense articulou-se com

---

<sup>13</sup>Cf. Chaim, op. cit., pp. 13-30.

<sup>14</sup> Atual estado do Rio de Janeiro

<sup>15</sup>Cf. KINZO, Maria D'Alva Gil. *Oposição e autoritarismo: gênese e trajetória do MDB 1966-1979*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1988. Página 24.

<sup>16</sup>Cf. Kinzo, op. cit., p. 25.

<sup>17</sup>Cf. Kinzo, op. cit., p. 105.

alguns de seus rivais históricos como Kubitschek e o próprio João Goulart, e possibilitou que a esquerda se tornasse protagonista da 'Frente'. Isso fez com que o movimento fosse proibido<sup>18</sup> pelo governo, já em março de 1968.

A essa hora, já era tarde. O movimento iniciado por Lacerda já tinha saído de seu controle, e o que começou com a Frente Ampla se tornou uma das maiores movimentações populares da história do país. Conforme o governo se sentia ameaçado, ele se tornava ainda mais truculento, o que gerava ainda mais revolta popular contra os homens do Estado, e os tornava ainda mais truculentos.

Em Julho de 1968, o Brasil vivia seu momento político mais turbulento desde a 'Revolução' de 1964. O Movimento Estudantil promovia sucessivas manifestações para externar seu descontentamento com os caminhos políticos tomados pelo país sob o governo militar. Estavam fazendo passeatas em que se carregavam dísticos como "*Povo no poder*<sup>19</sup>", "*povo organizado derruba a ditadura*<sup>20</sup>", "*abaixo o arrocho salarial*<sup>21</sup>", entre outros. O governo respondia às sucessivas manifestações de descontentamento popular com a repressão policial e a prisão de boa parte dos líderes do Movimento de oposição que foi às ruas.

No dia 26 de Junho de 1968, aconteceu no Rio de Janeiro o ápice do movimento de oposição ao governo militar durante a década de 1960: a Passeata dos Cem Mil. Diante dessa sequência de acontecimentos, parte dos militares percebia que sua estabilidade no poder estava em risco. Parte dos opositoristas havia se armado e produzia atentados e assaltos a bancos. A própria coalizão na qual se apoiava o presidente Costa e Silva aparentava sinais de desgaste.

### ***A chance de Havelange***

Quatro dias após a Passeata dos Cem Mil, aconteceu a referida inauguração do Estádio Salazar, em Moçambique. Após a volta ao Brasil, Havelange declarou:

---

<sup>18</sup>Cf. MARCHI, Edivaldo Batista. Frente Ampla (1966 - 1968) – aliança, contradições e limites. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. PUC-SP, 2001, p. 112.

<sup>19</sup>*Folha de São Paulo*. 05/05/1968. pg. 3.

<sup>20</sup> Idem.

<sup>21</sup> Idem.

Só se reúnem 200 mil pessoas num comício de protesto ou num estádio onde se joga uma partida de futebol. É preferível reuni-las num estádio. Eis porque acho que os governos, de todas as partes do mundo, deveriam dar maior amparo ao futebol.<sup>22</sup>

Essa declaração era uma referência ao Brasil à luz do caso de Moçambique. Era um recado público em estado bruto para o presidente da república: é preferível colocar cem mil pessoas (ou 200 mil, conforme a declaração de Havelange) dentro de um estádio de futebol do que tê-las todas em uma passeata nas ruas protestando contra o governo.

No dia 12 de dezembro de 1968, o Congresso votaria sobre o pedido de cassação do mandato de um deputado que havia vituperado a honra das Forças Armadas. Os militares tinham ciência de que as chances do deputado em questão – Márcio Moreira Alves – ser absolvido eram reais. A absolvição de Moreira Alves representaria uma afronta às Forças Armadas Brasileiras, e provavelmente incendiaria ainda mais os ímpetos juvenis contra o governo.

O governo optou por não esperar o resultado da votação parlamentar para seguir o caminho indicado pelo dirigente esportivo: dez dias antes da deliberação sobre M. Alves no Parlamento, o presidente Costa e Silva chamou Havelange e Paulo Machado de Carvalho – presidente e vice-presidente da CBD<sup>23</sup> – para conversar.

Para a referida reunião, foram a Brasília tanto os homens mais poderosos tanto do comando esportivo quanto do comando político do país. De um lado estavam presentes João Havelange, presidente da CBD, Paulo Machado de Carvalho, o vice-presidente da CBD, o brigadeiro Jerônimo Bastos, presidente do Conselho Nacional de Desportos e o deputado Paulo Planet Buarque, influente conselheiro do São Paulo FC. Do outro, os ministros Tarso Dutra<sup>24</sup> e Rondon Pacheco<sup>25</sup>, Daniel Krieger, o então presidente da ARENA e líder do governo, e presidente Costa e Silva.<sup>26</sup>

---

<sup>22</sup> Fala de João Havelange, o então presidente da CBD, reportada por *A Gazeta Esportiva*, 31/07/1968, p.8. Grifos nossos.

<sup>23</sup> Comissão Seleccionadora Nacional era o nome dado ao grupo coordenado por Havelange cuja função era escolher os jogadores que representariam o Brasil por meio da seleção da CBD.

<sup>24</sup> Tarso Dutra assumiu o Ministério da Educação em 1967 durante o governo Costa e Silva. Implementou o Mobral (programa de alfabetização de adultos) e assinou o polêmico acordo entre MEC e Usaid. Integrou a comissão responsável pela redação final do texto do AI-5. Após a saída de Costa e Silva do poder foi substituído por Jarbas Passarinho. Dados biográficos retirados de <http://www1.folha.uol.com.br/folha/treinamento/hotsites/ai5/personas/tarsoDutra.html> em 14/05/2013.

<sup>25</sup> Rondon Pacheco, juntamente com Tarso Dutra também foi responsável pela redação do AI-5. Considerado como moderado (castellista) entre os militares, retirou os pontos mais duros da primeira proposta do AI-5 como o

Quando todos já estavam presentes, o presidente da República falou:

Eu acho, realmente, que o Brasil não pode perder este campeonato [a Copa de 1970]. Temos que dar um jeito, de qualquer forma [...]”<sup>27</sup>. “Em 1970 o Brasil estará disputando a taça do mundo. Como presidente, gostaria que o povo brasileiro, ainda na minha gestão, festejasse a conquista.”<sup>28</sup> “Precisamos combinar bem tudo isso, pois afinal de contas em 1970 eu ainda estarei no governo e não vou gostar nada de ter perdido esse campeonato”<sup>29</sup>.

Tendo em mente as dificuldades econômicas vividas durante seus mais de dez anos como presidente da CBD, Havelange replicou que o esporte brasileiro – leia-se CBD – precisaria de recursos cuja injeção dependia essencialmente dos esforços do presidente do país. Diante disso, Costafalou que era para Havelange providenciar um esboço da Loteria Esportiva e entregá-lo ao ministro Rondon Pacheco. E disse:

Quero as coisas da maneira mais simples possível. Após darem uma redação parlamentar, encaminhá-lo-ei ao Congresso.<sup>30</sup> [...] Com a Loteria Esportiva os senhores terão tanto dinheiro que é bem capaz que o governo Federal venha a solicitar-lhes algum empréstimo.<sup>31</sup>

E assim foi feito um primeiro acordo entre as figuras mais poderosas do comando político e do comando esportivo brasileiro, respectivamente. Uma semana depois da conversa com estes dirigentes esportivos, a petição para processar Moreira Alves – o deputado que havia apupado publicamente a reputação das Forças Armadas – foi negada pela Câmara dos Deputados, e Costa e Silva decretou o AI-5, que instituiu o Estado de Exceção por tempo indeterminado no país.

---

fechamento do Congresso e do Supremo Tribunal Federal. Posteriormente foi indicado por Médici à presidência da Arena. Informações de <http://www1.folha.uol.com.br/folha/treinamento/hotsites/ai5/personas/rondonPacheco.html>, em 14/05/2013.

<sup>26</sup> Cf. *A Gazeta Esportiva*, 05/12/1968, página 8.

<sup>27</sup> *A Gazeta Esportiva*, 04/12/1968, página 7. Fala de Costa e Silva publicada no jornal.

<sup>28</sup> *A Gazeta Esportiva*, 05/12/1968, pg. 8. Outro trecho da fala de Costa e Silva. Grifos nossos.

<sup>29</sup> *Folha de São Paulo*, 04/12/1968. 1º Caderno, página 15. Fala de Costa e Silva a João Havelange e outros representantes do esporte brasileiro. Grifos nossos.

<sup>30</sup> *A Gazeta Esportiva*, 05/12/1968, pg. 8. Outro trecho da fala de Costa e Silva.

<sup>31</sup> *Folha de São Paulo*, 04/12/1968. 1º Caderno, página 15. Grifos nossos.

### ***CBD abastecida com dinheiro estatal***

Kubitschek<sup>32</sup> e Goulart<sup>33</sup> vivenciaram conquistas de Copas do Mundo durante suas gestões, e obviamente não ficaram indiferentes à festa nacional ocasionada por cada uma destas Copas. Nem eles, nem Jânio Quadros<sup>34</sup>, nem Castello Branco<sup>35</sup>, entretanto, chegaram perto do ponto de fomentar a elaboração de um projeto nacional para os esportes no Brasil.

Na eminência do AI-5, Costa e Silva lançou mão do amparo/fomento ao esporte como instrumento para estimular o nacionalismo e gerar certa afeição da população brasileira em relação a ele, mas não conseguiu tocar seu projeto até o final, pois adoeceu e teve que abandonar o cargo<sup>36</sup>. Dessa forma, em 30 de Setembro de 1969. Seu sucessor, Emílio Garrastazu Médici, ingressou na Presidência da República em 30 de Outubro de 1969.

O ingresso de Médici na presidência da República marcou o auge de uma era política em que a realização dos projetos do governo tinha prioridade em relação a quaisquer direitos individuais, que a partir de então não encontravam garantias nem na Constituição.

A aposta de Médici e de seus apoiadores era que o país melhoraria tanto sob seu governo, que as melhoras conquistadas ofuscariam os métodos repressivos utilizados para garanti-las, e o futebol era peça fundamental na construção do “sucesso” do Brasil.

Dessa forma, a maior parte do dinheiro destinado à CBD no primeiro semestre do ano de 1970 foi investida na preparação física e técnica dos jogadores que disputariam a Copa do México em junho daquele ano. Com a conquista do tricampeonato e os consequentes efeitos políticos para o regime, e o governo destinou ainda mais dinheiro para o esporte.

Do ponto de vista do dirigente, o tricampeonato de futebol significou uma carta branca para conduzir o futebol brasileiro e beneficiar-se pessoalmente de todo o capital simbólico existente ao redor da seleção nacional.

---

<sup>32</sup>Presidente entre 1956-1961.

<sup>33</sup>Presidente entre 1961-1964

<sup>34</sup>Presidente entre janeiro e agosto de 1961.

<sup>35</sup>Presidente entre 1964 e 1967.

<sup>36</sup> Cf. *A Gazeta Esportiva* 01/09/1969. Capa.

### **A FIFA pré-Havelange**

A FIFA – *Fédération Internationale de Football Association*, em francês – foi fundada em 21/05/1904 em Paris. Seus membros fundadores foram às associações nacionais de Bélgica, Dinamarca, França, Holanda, Espanha, Suécia e Suíça<sup>37</sup>. Durante as duas grandes guerras mundiais do século XX, a entidade passou por momentos de instabilidade. Acabados aqueles conflitos, ela pôde se restabelecer aos poucos, e em 1954 já contava com 84 membros.<sup>38</sup>

TABELA 1: PRESIDENTES E SECRETÁRIOS GERAIS DA FIFA

<b>Período</b>	<b>PRESIDENTE</b>	<b>País de origem</b>	<b>SECRETÁRIO GERAL</b>	<b>País de origem</b>
1904-06	Robert Guérin	França	Louis Muhlinghaus	Bélgica
1906-18	Daniel Burley Woolfall	Inglaterra	Cornelis August Wilhelm Hirschman	Holanda
1921-54	Jules Rimet	França	Cornelis Hirschman / Ivo Schicker	Holanda / Alemanha
1954-55	Rodolphe Seeldrayers	Bélgica	Kurt Gassmann	Suíça
1961-74	Stanley Rous	Inglaterra	Kurt Gassmann / Helmut Käser	Suíça / Suíça

Tabela elaborada com dados de [https://en.wikipedia.org/wiki/History\\_of\\_FIFA](https://en.wikipedia.org/wiki/History_of_FIFA), em consulta no dia 30/10/2013, que conferem com os publicados por A Gazeta Esportiva em 09/06/1974, página 13.

A tabela demonstra que desde sua fundação até o ano de 1974 não houve nenhum presidente nem secretário-geral da FIFA que não fossem europeus. A hegemonia europeia certamente não era um problema na década de 1930, quando a FIFA tinha apenas quarenta membros, em sua maioria europeus. Quatro décadas depois, porém, já havia 141 países membros da entidade<sup>39</sup>. Nesse sentido, a década de 1960 foi um ‘ponto de virada’ para a composição continental da entidade. Entre os países cujas federações se associaram à FIFA nessa década podem ser mencionados, entre outros: Burkina Faso (1960), Porto Rico (1960), Somália (1960), Costa do Marfim (1961), Togo (1962), Jamaica (1962), Benin

<sup>37</sup> Cf. <https://en.wikipedia.org/wiki/FIFA>, consultada dia 30/10/2013.

<sup>38</sup> Cf. [https://en.wikipedia.org/wiki/History\\_of\\_FIFA](https://en.wikipedia.org/wiki/History_of_FIFA), em consulta no dia 30/10/2013.

<sup>39</sup> Cf. Dados emitidos verbalmente por João Havelange, e reportados por A *Gazeta Esportiva* em 08/06/1974.

(1962), Camarões (1962), Argélia (1963), Trinidad e Tobago (1963), Líbia (1963), Papua Nova Guiné (1963), Tanzânia (1964), Gâmbia (1966), Bahamas (1968).<sup>40</sup>

Conforme o cenário de sub-representação do terceiro mundo na entidade começava a ficar evidente, seu presidente – o inglês Stanley Rous, no cargo desde 1961 – começou a dar indícios de que a possibilidade de término do predomínio europeu naquela entidade internacional o preocupava. Não só a ele, mas também a grande parte dos outros representantes de federações europeias<sup>41</sup>. Sendo 60% dos membros da FIFA representantes de países africanos ou asiáticos, os europeus se viram diante de uma situação que uma eventual aliança entre aqueles dois continentes poderia fazer ruir sua hegemonia na entidade. O vácuo de representação do terceiro mundo na FIFA já era percebido pelo dirigente brasileiro, que já em 1969 se expressava em relação à necessidade de alteração dos rumos políticos da entidade<sup>42</sup>.

### ***A Taça da Independência***

Havelange programou para o ano de 1972 um evento comemorativo em alusão ao aniversário de 150 anos da data de Independência do Brasil. O campeonato se aproveitaria do empurrão dado pelo tricampeonato no México, e levaria os tricampeões para jogar país adentro, contra grandes seleções do mundo. A idéia era realizar um evento aos mesmos moldes da Copa, contando com um total de doze estádios com grande capacidade de público em diferentes cidades e regiões do país – devidamente vistoriados e aprovados pela FIFA e seu presidente Stanley Rous, inclusive<sup>43</sup>.

Esperamos trazer dentre outras, as representações da Itália, da Alemanha e do Uruguai, segunda, terceira e quarta classificadas da última Copa do Mundo e também a Inglaterra.<sup>44</sup>

O planejamento inicial foi executado de sem surpresas<sup>45</sup>, e ao final do ano de 1971 já se dava como certa a presença de Alemanha, França, Espanha, Itália, Rússia e Portugal<sup>46</sup>.

<sup>40</sup> De acordo com pesquisa realizada em <http://en.wikipedia.org> no dia 30/10/2013.

<sup>41</sup> *Folha de São Paulo*, 25/12/1971. Primeiro Caderno, página 16. Grifos nossos.

<sup>42</sup> Cf. Declaração de Havelange a *A Gazeta Esportiva*, 29/06/1969, página 4.

<sup>43</sup> Cf. *A Gazeta Esportiva*, 07/08/1971, página 5.

<sup>44</sup> Fala de João Havelange, reportada por *A Gazeta Esportiva*, 17/07/1970.

<sup>45</sup> Houve um pequeno problema com o calendário das grandes seleções europeias já que a final da Copa da Europa (torneio entre seleções europeias) seria realizada apenas quatro dias antes do início da Copa da Independência. Em Dezembro de 1971, já se sabia que Alemanha, Itália e Inglaterra talvez não pudessem comparecer em virtude da disputa daquele certame europeu (Cf. *Folha de São Paulo*, 03/12/1971. Primeiro Caderno, página 28.). Isto foi,

### **Boicote?**

No início de 1972, tudo mudou. Para a surpresa de Havelange, dos demais dirigentes da CBD e mesmo de parte da imprensa brasileira, as federações com cujos representantes Havelange havia conversado pessoalmente no final do ano anterior começaram a anunciar sucessivamente suas desistências na participação na Taça da Independência: primeiro a Inglaterra<sup>47</sup>. Depois Alemanha, Itália, Espanha e até o México<sup>48</sup>, com cuja federação Havelange desfrutava de grande prestígio.

Após tantas recusas, as seleções europeias que vieram ao Brasil para a disputa da Mini Copa foram França, Portugal, Irlanda, Iugoslávia, Escócia, Checoslováquia e União Soviética. A ausência de todos os sete primeiros europeus convidados abalou os planos da CBD para a Mini Copa. Esvaziada, ela tornar-se-ia um torneio de pouca importância técnica.

### **Havelange encabeça a aliança terceiro-mundista**

A Taça da Independência somada à candidatura e Havelange se davam em um contexto em que parte dos países de terceiro mundo começava a tornar público seu descontentamento com a FIFA.

Uma Mini Copa bem-sucedida poderia abrir o caminho para a carreira de Havelange. Aliás, em determinada ocasião, o presidente da CBD chegou a admitir essa hipótese, ao declarar, no Rio 'Minha candidatura está incomodando muita gente'.<sup>49</sup>

No início de 1972 ocorreram boatos<sup>50</sup> de que os europeus comandantes da FIFA não permitiriam aos países africanos ter o voto qualitativo nas deliberações da entidade, o que contrariaria o princípio de um voto por país associado. Como último recurso para assegurar a manutenção de sua hegemonia à frente do futebol mundial, os dirigentes daquela entidade cogitaram inclusive a criação de uma nova

---

porém, devidamente contornado por Havelange que, numa viagem à Europa, passou por 15 diferentes cidades de 11 diferentes países. Chegou a um acordo com essas representações e, na volta, fez as devidas alterações no calendário para garantir que aquelas seleções europeias poderiam participar.

<sup>46</sup>Cf. *Folha de São Paulo*, 21/12/1971. Primeiro Caderno, página 34.

<sup>47</sup> Cf. *Folha de São Paulo*, 03/02/1972. Primeiro Caderno, página 31.

<sup>48</sup> Cf. *Folha de São Paulo*, 05/02/1972. Primeiro Caderno, página 28.

<sup>49</sup>*Folha de São Paulo*, 23/05/1972. Primeiro Caderno, página 28. Grifos nossos.

<sup>50</sup> Cf. *A Gazeta Esportiva*, 12/02/1974, página 6.

associação para o futebol internacional<sup>51</sup>, objetivo para o qual precisariam do apoio dos sul-americanos, que não endossaram a idéia.

No ano de 1972, por exemplo, o presidente da Confederação Africana de Futebol, Yidnekatchew Tessema trocou farpas publicamente com Stanley Rous, que em certa ocasião mencionou que a Confederação Africana de Futebol tinha graves problemas:

Ao presidente da FIFA não incumbe fazer sugestões que debilitem a estrutura de uma Confederação Continental, que, ao contrário, devem merecer elogios da FIFA, pelo que tem realizado com os poucos meios de que dispõe.<sup>52</sup>

A realização da Taça da Independência no Brasil se deu justamente no momento de transição entre a oficialização da candidatura de Havelange e o início das investidas daquele dirigente atrás dos votos que lhe seriam necessários para vencer o pleito em 1974. Este torneio foi concebido com a idéia de demonstrar para o mundo como o Brasil – e Havelange, seu representante – era capaz de organizar um evento futebolístico de abrangência mundial dentro de seu vasto território nacional.

Em suma, a Mini Copa foi o ponto inicial da intensificação da campanha presidencial de Havelange que acabou por reunir as federações que estavam dispostas a apoiar a candidatura de Havelange. Isto não foi algo premeditado pelos organizadores, mas se deu justamente pela razão de que, conforme se desconfiava – embora não tenha sido publicamente admitido – os países que estavam com Stanley Rous boicotaram a Mini Copa com o intuito de diminuir o prestígio que seria alcançado pelo presidente da CBD com a realização deste evento.

Entre as federações que vieram, algumas acabaram por declarar, ainda no Brasil, seu voto para Havelange nas eleições presidenciais para a FIFA: Jean Sadoul, presidente da Federação Francesa de Futebol declarou que *“o voto da França é para João Havelange, que certamente será o próximo presidente da FIFA”*<sup>53</sup>. Lika Bajavic, presidente da Associação Iugoslava de Futebol, afirmou que *“se João Havelange se candidatar realmente à presidência da FIFA, a Iugoslávia lhe dará, tranquilamente, o seu*

---

<sup>51</sup> Cf. *A Gazeta Esportiva*, 12/02/1974, página 6.

<sup>52</sup> Trecho da contestação de Tessema, presidente da Confederação Africana de Futebol, a um comentário de Stanley Rous, através do próprio boletim da FIFA. Grifos nossos.

<sup>53</sup> Fala de Jean Sadoul, presidente da Federação Francesa de Futebol, reportada por *A Gazeta Esportiva* em 14/06/1972. Página 20.

voto”<sup>54</sup>. Jean Claude Ganga, o secretário-geral dos esportes da África, afirmou sua disposição em apoiar a candidatura de Havelange, dependendo do programa de governo que o brasileiro lhes apresentasse<sup>55</sup>.

Esse torneio teve tanta importância política, que a CBD bancou com dinheiro público – via Loteria Esportiva – gastos supérfluos como a confecção de 1000 (mil) diplomas comemorativos distribuir entre os jogadores e membros das comissões técnicas de todas as delegações, outros 100 (cem) diplomas de luxo foram confeccionados para ser entregues aos dirigentes e convidados especiais de cada delegação<sup>56</sup>, além da produção de um disco com o hino da Taça Independência e promoveu sua distribuição<sup>57</sup>.

Os políticos brasileiros sabiam que, diante da ausência de seleções como Inglaterra, Alemanha e Itália, o interesse do público pelo torneio diminuiria vertiginosamente. Isso aliado aos luxos citados acima indicavam que a Mini Copa causaria prejuízos fatais à CBD e ao país.<sup>58</sup>

Além de abalar o sistema financeiro das federações, a Mini Copa vai ainda desgastar inutilmente o prestígio de nossa seleção tricampeã do mundo e esvaziará nossas reservas de dólares, tudo para satisfazer a vaidade de João Havelange, que a todo custo quer chegar à presidência da FIFA.<sup>59</sup>

Sabe-se que em Janeiro de 1975 –quando Havelange deixou a presidência da entidade – a Confederação possuía um déficit de Cr\$ 13 milhões, sendo que a maior parte disso era referente à dívida contraída para a realização da Taça Independência e de juros decorrentes da inadimplência da entidade quanto aos empréstimos tomados para bancar este torneio<sup>60</sup>.

---

<sup>54</sup> Fala de Lika Bajavic, presidente da Associação Iugoslava de Futebol, reportada por *A Gazeta Esportiva* em 30/06/1972, página 3.

<sup>55</sup> Cf. *Folha de São Paulo*, 18/06/1972. Esporte, página 16.

<sup>56</sup> Cf. *A Gazeta Esportiva*, 26/05/1972. Página 7.

<sup>57</sup> Cf. *A Gazeta Esportiva*, 30/05/1972. Página 18.

<sup>58</sup> Fala do deputado Maurício Toledo, da ARENA-SP, reportada por *Folha de São Paulo*, 10/05/1972. Esporte, página 7.

<sup>59</sup> Fala do deputado Maurício Toledo, da ARENA-SP, reportada por *Folha de São Paulo*, 10/05/1972. Esporte, página 7.

<sup>60</sup> Cf. *Folha de São Paulo*, 08/01/1979. Esporte, página 4.

### ***Pelé entra em campo***

Gênio dentro dos campos, fora deles o *Rei do Futebol* não repetia as boas atuações. Conta-se<sup>61</sup> que no ano de 1969, após uma série de investimentos fracassados, Pelé atingira um déficit de aproximadamente US\$ 240 mil – cálculo referente ao ano da publicação da matéria, 1999. Foi neste momento que Havelange, aproveitando-se dos problemas financeiros vividos pelo jogador, aproximou-se de Pelé com a intenção de utilizá-lo com cabo eleitoral para atingir a presidência da FIFA. Como contrapartida, aquele se colocaria à disposição do ‘Rei do futebol’ para buscar parceiros comerciais que pudessem contribuir com sua recuperação financeira. O acordo foi feito e Pelé apoiou a candidatura de Havelange<sup>62</sup>, sendo que três anos depois o jogador acabaria sendo autuado pelo governo brasileiro por sonegação de impostos, e Havelange lhe doaria ainda mais dinheiro da CBD.

Um estudo da Fundação Getúlio Vargas feito na época indica que Pelé, especialmente devido a seus contratos publicitários, ganhava pelo menos 350% a mais do que o declarado ao governo. Ciente do material, a Receita passou a investigar os vencimentos do atleta no setor publicitário e acabou autuando-o em 1972. Pelé teria então, de desembolsar o equivalente hoje a US\$ 250.000,00 em impostos devidos, mas não pagos até aquele ano, e multas. Irritado com a situação, pediu ajuda ao Santos e à CBD. Havelange acabou lhe ‘doando’, em troca do auxílio a sua campanha à presidência da FIFA, mais de 30% do valor, conforme indica o material colhido pelo então deputado Maurício Toledo.<sup>63</sup>

A estimativa oficial<sup>64</sup> é que as doações de Havelange para Pelé – com dinheiro da CBD – totalizaram US\$ 320 mil entre os anos de 1966 e 1973. O esforço financeiro do dirigente – com um dinheiro que não era seu – para manter a figura de Pelé a seu lado não era injustificado: dos delegados da FIFA com direito a voto nas eleições da entidade – que aconteceriam em Frankfurt, em 1974 – pelo menos 42 pediram ao dirigente brasileiro um contato com o jogador. Após o acordo entre o presidente

---

<sup>61</sup> O jornal *Folha de São Paulo* publicou no dia 07/11/1999 um caderno Especial sobre a vida de Pelé. O jornal afirma, neste caderno, ter tido acesso a documentos inéditos da ditadura militar. A sequência desta seção é baseada nas informações colhidas a partir desta fonte.

<sup>62</sup> Cf. *Folha de São Paulo*, 07/11/1999. Caderno Especial, página 3.

<sup>63</sup> Cf. *Folha de São Paulo*, 07/11/1999. Caderno Especial, página 2.

<sup>64</sup> *Folha de São Paulo*, 07/11/1999. Caderno Especial “A Criação de Pelé – as jogadas extracampo do atleta do século”, página 2.

da CBD e Pelé ter sido celebrado, todos os pedidos foram atendidos<sup>65</sup>. Algum tempo depois das excursões de Havelange e Pelé para a África, soube-se que, por imposição de Havelange, os anfitriões pagavam menos dinheiro do que o suficiente para arcar com os custos das excursões<sup>66</sup>: normalmente, a seleção pedia US\$ 50 mil por partida disputada no exterior; graças à campanha de Havelange, o valor caiu para US\$ 30 mil<sup>67</sup>. Já Pelé, ao invés de costumeiros US\$ 8 mil, recebia apenas US\$ 4 mil nos jogos que interessavam ao candidato brasileiro para a FIFA.<sup>68</sup> A diferença saía dos cofres da CBD.

A presença de Pelé na campanha do então presidente da CBD se estendeu até o próprio dia das eleições da FIFA, em 1974, quando o jogador esteve presente participando do corpo-a-corpo final com os eleitores, pedindo votos para Havelange.<sup>69</sup>

Na contrapartida, Havelange se correspondeu com as diretorias das empresas Coca-cola e Pepsi, sugerindo que elas utilizassem a imagem de Pelé para vender seus produtos, de uma forma semelhante à que ele próprio havia se utilizado – da imagem do jogador – em sua campanha para a FIFA:

Nas excursões do Santos ao exterior, ele [Pelé] tem tempo disponível para ensinar crianças a jogar futebol. Seria uma iniciativa importante para a Pepsi, para o esporte, e tenho certeza de que também para o próprio Pelé.<sup>70</sup>

A sugestão foi acatada pela Pepsi e empresa contratou o atleta para divulgar sua marca dando clínicas de futebol no exterior quando o Santos F.C. excursionava para fora do Brasil<sup>71</sup>. Este acordo se estenderia, com a interferência de Havelange e de Henry Kissinger – o secretário de Estado norte-americano nas administrações de Richard Nixon (1969-74) e Gerald Ford (1974-77) –, até a Copa da Alemanha de 1974, quando Pelé atuou como cabo eleitoral de Havelange, relações-públicas da Pepsi, e ainda acumulou o cargo de comentarista da TV Bandeirantes.<sup>72</sup>

---

<sup>65</sup> Cf. *Folha de São Paulo*, 07/11/1999. Caderno Especial, página 3.

<sup>66</sup> Cf. *Folha de São Paulo*, 07/11/1999. Caderno Especial, página 3.

<sup>67</sup> Cf. *Folha de São Paulo*, 07/11/1999. Caderno Especial, página 3.

<sup>68</sup> Cf. *Folha de São Paulo*, 07/11/1999. Caderno Especial, página 3.

<sup>69</sup> Cf. *Folha de São Paulo*, 07/11/1999. Caderno Especial, página 3.

<sup>70</sup> Trecho de uma carta escrita por Havelange a diretores da Pepsi, reportada por *Folha de São Paulo* em 07/11/1999. Caderno Especial, página 3.

<sup>71</sup> Cf. *Folha de São Paulo*, 07/11/1999. Caderno Especial, página 3.

<sup>72</sup> Cf. *Folha de São Paulo*, 07/11/1999. Caderno Especial, página 3.

## DISCUSSÃO

É importante salientar que a CBD teve, a partir de 1970, o dinheiro oriundo da Loteria Esportiva como principal fonte de financiamento. Foi com o dinheiro provindo desta Loteria que a CBD promoveu a maioria de suas atividades desde o início do ano de 1970. Pelo fato de a Loteria Esportiva ser um programa do governo federal para apoio ao esporte no Brasil, o mau uso de sua verba poderia render a Havelange sérios problemas com o governo.

Além dos escandalosos dispêndios com a Mini-Copa, a CBD deixou de receber muitos dólares com os amistosos que a seleção brasileira realizava no estrangeiro por cotas inferiores às de praxe durante a caça de seu presidente aos votos necessários para se eleger na FIFA. O dinheiro direcionado à CBD pelo governo *via* Loteria Esportiva havia sido usado por Havelange de forma privada.

O governo militar tinha plena ciência do uso privado de verba pública que era feito pelo máximo dirigente esportivo do país, mas mesmo assim não o repreendeu por isso. Quando perguntado sobre o fato de Havelange promover amistosos desnecessários e onerosos à CBD, o ministro Jarbas Passarinho respondeu:

Se Havelange pretendeu valorizar-se politicamente com a última excursão do selecionado nacional, a fim de pleitear a presidência da FIFA, isto constitui pecado perdoável.<sup>73</sup>

O governo brasileiro não se interpôs, portanto, à campanha de Havelange para a FIFA, mesmo tendo argumentos e fatos que autorizariam-no a fazê-lo, caso fosse sua vontade.

### **A eleição**

Em sua campanha, Havelange intitulava-se o '*candidato do futebol mundial*'<sup>74</sup> por oposição a Rous, que não tinha pudor em colocar-se como defensor a sequência da hegemonia européia à frente da entidade mundial. Não foi à toa que o principal foco da campanha de Havelange foram os países africanos. Demonstrando sua insatisfação com o presidente Rous desde muitos anos e contando com uma quantidade de votos substancial, Havelange não mediu esforços para atraí-los.

---

<sup>73</sup> Fala do ministro da Educação e Cultura, Jarbas Passarinho, divulgada por *A Gazeta Esportiva*, 25/10/1973, página 2. Grifos nossos.

<sup>74</sup> Cf. *A Gazeta Esportiva*, 01/06/1974, página 06.

Conforme levantado, a primeira ferramenta de aproximação foi o Santos FC de Pelé, clube que foi levado para diversos jogos naquele continente nos anos finais da década de 1960. Depois disso, Havelange fez o convite para que os africanos enviassem uma equipe para o Brasil para disputar a Taça Independência. E eles compareceram ao torneio que seria vencido pelo Brasil, numa final disputada contra Portugal.

Na equipe africana que veio para o Brasil, havia jogadores dos seguintes países: Tunísia, Togo, Egito, Marrocos, Argélia, Gana, Congo, Zaire, Costa do Marfim, Camerum e Mali. Ao todo, onze países africanos estiveram representados na Mini Copa, e para alguns deles foi à primeira vez em que estiveram representados em um torneio internacional de futebol.<sup>75</sup>

A sua plataforma eleitoral para a FIFA era composta por oito pontos, cujas mudanças mais significativas se referiam ao fomento do ingresso, do progresso técnico e da maior participação dos países pobres no futebol mundial. Sendo eles:

Com uma plataforma democratizante, que envolvia aumentar de 16 para 24 o número de participantes da Copa do Mundo, dar subsídio financeiro às federações nacionais mais necessitadas, e ajudá-las a construir estádios e contratar médicos, técnicos e preparadores físicos<sup>76</sup>, Yidnekatchew Tessema, o representante da Confederação Africana de Futebol, garantiu o total apoio de sua confederação à candidatura de Havelange em um Congresso da Confederação Sul Americana<sup>77</sup> realizado no Rio de Janeiro em Dezembro de 1973.

Havelange já sabia, antes mesmo da realização das eleições, que contaria com o apoio de doze países árabes, dez países da América Central, doze países africanos de língua francesa, além dos europeus França, Irlanda do Sul, Grécia, Chipre, Turquia e Luxemburgo<sup>78</sup>. Isto sem contar os dez países sul-americanos que performaram sua base desde o princípio da campanha. Como se vê, seus eleitores eram, com raras exceções, representantes de países do Terceiro Mundo.

Conforme a data do pleito foi se aproximando, os dirigentes europeus foram acentuando o discurso e acabaram por exteriorizar sua compreensão de que a batalha entre Rous e Havelange era uma metonímia para uma batalha da Europa contra o resto do mundo pelo controle do futebol mundial:

---

<sup>75</sup> Cf. *A Gazeta Esportiva*, 06/05/1972, página 06.

<sup>76</sup> Plataforma de gestão de João Havelange, segundo reportagem de *A Gazeta Esportiva*, 25/10/1973. Página 4.

<sup>77</sup> Cf. *A Gazeta Esportiva*, 05/12/1973. Página 2.

<sup>78</sup> Cf. *A Gazeta Esportiva*, 25/10/1973. Página 2.

Eu os conclamo a votar em mim porque isto representa a Europa contra a América do Sul [...] Nós queremos que a Europa detenha a liderança sobre o futebol [...] Se eu for eleito para um novo mandato vocês devem procurar imediatamente um sucessor na Europa, de forma que a liderança européia seja mantida.<sup>79</sup>

Tal como Rous, Artemio Franchi, o presidente da União Europeia de Football Association (UEFA), também se demonstrou bastante atormentado com a possibilidade de a Europa ser submetida, no campo futebolístico, ao controle de um não-europeu:

Não seremos governados por ninguém que não seja daqui da Europa e que não esteja de acordo com nossos pontos de vista. [...] A UEFA não tem nenhuma intenção de estar sujeita a um controle da FIFA. Estamos decididos a manter nossa independência e não ceder à vontade dos outros.<sup>80</sup> [...] A UEFA é possuidora de oitenta por cento do movimento do futebol mundial e noventa por cento deste mesmo movimento do ponto de vista econômico. Isto vale muito, e saberemos cobrar.<sup>81</sup>

Nas eleições de 11/06/1974, Havelange foi eleito presidente da FIFA no segundo escrutínio, com um placar de 68 contra 52 votos de Rous. Estima-se que o brasileiro tenha recebido por volta de 30 votos somente do continente africano<sup>82</sup>.

O continente africano foi reconhecido tanto pelo lado vencedor quanto pelo lado vencido como o 'fiel da balança' das eleições a favor de Havelange, o candidato da Confederação Sul-Americana de Futebol. Após a conclusão do pleito, Tessema declarou: "*Nós, da África, temos tantos direitos quanto os demais no mundo, e o senhor Havelange foi o primeiro a nos estender a mão. Um homem assim merece respeito e destaque*"<sup>83</sup>.

---

<sup>79</sup> Fala de Stanley Rous, o então presidente da FIFA, ao Congresso da Associação Europeia de Futebol (UEFA), reportada por *A Gazeta Esportiva*, 24/05/1974, página 5. Grifos nossos.

<sup>80</sup> Fala de Artemio Franchi, presidente da UEFA no mesmo Congresso da entidade, em maio de 1974. Reportada por *A Gazeta Esportiva*, 10/06/1974, página 3.

<sup>81</sup> Mais um trecho da fala de Franchi, em *A Gazeta Esportiva*, 10/06/1974, página 5.

<sup>82</sup> Cf. *A Gazeta Esportiva*, 12/06/1974, pg. 20.

<sup>83</sup> Fala de Tessema, presidente da Confederação Africana de Futebol, reportada por *A Gazeta Esportiva*, 16/06/1974, p. 6.

## CONCLUSÃO

Havelange foi um político muito habilidoso. Foi um dos maiores responsáveis pelo crescimento do futebol brasileiro entre 1958 e 1974, tal qual foi também o maior protagonista do agigantamento comercial da FIFA a partir da década de 1970. Por meio de nossos estudos, buscamos demonstrar que o processo percorrido por ele da CBD até a FIFA não é tão épico quanto seu biógrafo e setores de mídia interessados tentaram fazer parecer nas últimas décadas.

Muito embora o dirigente tenha de fato sido o responsável pelo sensível aumento da participação de países terceiro-mundistas na entidade máxima do futebol, o apoio desses países lhes foi conferido porque 1) a direção da FIFA até então era declaradamente eurocêntrica, portanto asiáticos e africanos não tinham nada a perder; 2) Em negociação por votos, Havelange ofereceu-lhes capital simbólico (Seleção Brasileira, Santos FC, Pelé) a domicílio e a baixíssimo custo, além de luxos durante a *Mini Copa* de 1972 e promessas de financiamento com dinheiro da FIFA depois que se tornasse presidente.

O maior achado desse trabalho, porém, remete à fonte de financiamento para a campanha de Havelange para a FIFA em 1974: o povo brasileiro. Ao fazer um acordo com os governantes militares de seu país, que eram absolutamente interessados no sucesso de sua seleção nacional para efeitos de sustentação política de um regime autoritário no longo prazo, Havelange teve acesso praticamente exclusivo a uma fonte pública de recursos – a Loteria Esportiva –, a qual usou também em benefício próprio.

Engana-se, porém, aquele que pensa que a Loteria Esportiva foi a única verba estatal aproveitada pelo dirigente brasileiro: ele também usou a credibilidade da CBD para obter empréstimos junto a bancos em nome da entidade. Foi com o nome da CBD que Havelange levantou recursos para promover a Taça da Independência em 1972, um campeonato produzido em benefício próprio, que acarretou um prejuízo astronômico para a entidade. Sendo a CBD uma entidade privada – como o dirigente fazia questão de reiterar frequentemente – a sociedade brasileira em tese não teria muito a se preocupar com a dívida dessa entidade.

A obra de Havelange rendeu-lhe a presidência da FIFA e influência sobre as associações de futebol do mundo todo por consequência. Para o povo brasileiro, ficou pendente um débito estimado

em US\$ 4,4 milhões– em dinheiro da época –na conta da CBD, que foram pagos<sup>84</sup> pelo Fundo de Assistência Social do governo federal, após carta de próprio punho do presidente Ernesto Geisel em março de 1975.

É com este espectro que começa a presidência do homem que mais tempo ficou no cargo mais importante do futebol mundial.

## REFERÊNCIAS

- CHAIM, Aníbal R. M. *A Bola e o Chumbo*. [ Dissertação de Mestrado – Departamento de Ciência Política ]. São Paulo (SP). Universidade de São Paulo, 2014.
- KINZO, Maria D’Alva Gil. *Oposição e autoritarismo: gênese e trajetória do MDB 1966-1979*. Editora Revista dos Tribunais LTDA, São Paulo.1988.
- MARCHI, Edivaldo B. *Frente Ampla (1966 - 1968) – aliança, contradições e limites*. [ Dissertação de Mestrado –Departamento de Ciências Sociais ]. São Paulo (SP). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.

---

<sup>84</sup> Cf. Folha de São Paulo, 07/11/1999, op. cit., p. 2.